PORTUGUÊS DE MENAS

O que os jornalistas brasileiros estão fazendo com a língua portuguesa é de sacudir as tumbas e incomodar o sono eterno dos grandes mestres da palavra.

Fazem muitos anos que os gramáticos mais suscetíveis, sem excessão, ficam muito espantados com os casos de agressão à língua que pululam nos jornais. Há muitos anos atrás, lembram os mais antigos leitores contumazes de jornais e revistas; publicados, principalmente, no Brasil, o português praticado pela Imprensa era mais escor- reito, mais chegado ao que se convencionou chamar de "o uso culto da língua".

O parágrafo acima poderia muito bem ter sido escrito por algum jovem de 20 e poucos anos, preocupado em caprichar na forma e na busca inglória de um conteúdo melhor. Mesmo com o uso impróprio do verbo inicial, os erros de ortografia, a redundância, o longo aposto e o tom desnecessariamente pedante, textos semelhantes não raro desa- bam sobre as mesas de editores e chefes de redação. E até conseguem estar nas páginas de qualquer um dos 2.887 veículos periódicos impressos que circulam no Brasil.

Dos tempos em que Machado de Assis publicava seus brilhantes folhetins nos jornais do Rio até hoje, muita coisa mudou. Os jornais se modernizaram, o jornalista se profissionalizou e o aporte tecnológico investido na operação dos veículos converteu a distância que os separa das publicações do início do século para a escala dos anos-luz. Ainda assim, os problemas com a língua se agravaram.

Função poética

Gramáticos e jornalistas mais cuidadosos com o texto são unânimes no diagnóstico da crise que assalta as relações da Imprensa com a última flor do Lácio: o desmantelamento do ensino básico brasileiro. De fato, de 30 anos para cá o ensino da língua portuguesa nas escolas primárias e secundárias teve sua qualidade perigosamente comprometida pelo descaso governamental, pela incúria dos educadores e - pior - pela garantia, na mídia, das condições de reprodução dos equívocos sintáticos e derrapadas linguísticas. De tão repetidos, assumem foros de norma estabelecida. "Vem pra Caixa você também", propõe, por exemplo, o anúncio de um banco oficial. "No meu governo", indigna-se Luís Edgar de Andrade, 57 anos e 35 de profissão, diretor de redação da Rede Manchete, "o presidente da Caixa Econômica Federal seria condenado ao degredo perpétuo, para aprender como se conjuga o verbo vir no imperativo."

Se a punição requerida por Andrade oé pesada, ainda há quem queira ver salgado o chão onde pisam os detratores da língua. O professor Napoleão Mendes de Almeida, 79 anos, é um desses. Responsável, desde 1936, pela seção "Questões Vernáculas", publicada em O Estado de S. Paulo, Almeida está convencido de que "o jornalismo segue os erros da rua, dos que não têm base para julgar o que é certo e o que é errado". Para ele, a redação jornalística deve estar apoiada em dois pilares básicos: "Conhecimento, em primeiro lugar, do idioma; conhecimento, em segundo lugar, do assunto sobre o qual se vai discorrer".

Seria ótimo se fosse sempre assim. Mas ao lado das deficiências da formação de base corre solta uma oralidade viciosa, de certo modo já introjetada nas formas de expressão da sociedade. Para ojeriza do professor Napoleão, o palhaço que anuncia o espetáculo de um circo armado em qualquer cidadezinha do interior repete pelas ruas o mesmo histórico bordão; "Hoje tem espetáculo? Tem, sim senhor". No seu caso, o erro é até compreensível, mas os jornalistas têm o dever de dizer "hoje há espetáculo"...

Um outro estudioso dessas questões, Izidoro Blikstein, 52 anos, professor titular de Lingüística e Semiologia do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, constata a existência da idéia de um português padrão, com o qual o jornalista ou qualquer escritor deveria trabalhar. "Mas acho que isso é um erro, porque esse padrão é redutor", diz ele. "Na verdade, o jornalista deveria desenvolver muito mais a chamada função poética da linguagem, que é a função criativa". A falta de criatividade dos jornalistas, segundo Blikstein, obriga-os a recorrer com frequência ao jogo metafórico, "e aí viram presa fácil para o discurso do poder".

Maus resultados

A reprodução da linguagem oficial causa "extremo espanto" ao diretor de redação da revista IstoÉ/Senhor, Mino Carta, 55 anos, 40 de jornalismo. "A informação é transmitida de uma forma calhorda, pilantra até, já que obedece a uma regra política", diz Carta. "A língua é usada para referendar o atraso, para empobrecer os repertórios e estreitar o vocabulário." Trata-se de uma situação ideal para a proliferação dos jargões e a instituição de um código de clichês linguísticos repetidos à exaustão. "E quando algum jornalista tenta escapar da mesmice, produzindo textos mais criativos e originais, corre o risco de ser considerado um pernóstico", avalia Carta.

"Falar ou escrever o português corretamente passou a ser uma coisa elitista, fora de moda", concorda Ricardo Setti, 44 anos e 25 de profissão, editor-chefe de O Estado de S. Paulo. Quando o jornalista não corrige as deturpações do economês, do politiquês ou do sindicalês, está contribuindo para a eternização desses equívocos", diz, localizando o problema como parte integrante da crise brasileira. "Faz parte da ideologia da decrepitude nacional falar e escrever mal." Esta é uma situação que faz Carlos Eduardo Lins da Silva, 37 anos e 18 de profissão, diretor de Planejamento da Empresa Folha da Manhã, que edita a Folha de S. Paulo, sentir-se"péssimo, deprimido ep essimista". Para ele, a origem de tudo está no ensino básico deficiente. "A maioria dos jovens jornalistas que chega às redações é semi-analfabeta", atesta. "Na Folha chegamos até a instituir cursos periódicos de português para tentar sanar o problema, mas os resultados foram pequenos: de um lado, em função da grande rotatividade dos profissionais da redação; e de outro, pela enorme arrogância dos jornalistas que pensam que sabem escrever."

(...)

Filmes de terror

Sejam quais forem os recursos que se utilize na tarefa de aperfeiçoar o texto, é preciso ter claro que o desafio não é pequeno. Todo esforço de simplificar a escrita e torná-la mais coloquial é um bom serviço que a Imprensa presta ao leitor", diz o ombudsman Caio Túlio Costa, 35 anos e 12 de profissão, da Folha de S. Paulo. "A Imprensa não deve ser o receptáculo da gramática conservadora, mas também não pode ser um instrumento de deturpação ou agressão à língua - deve, sim, estarem sintonia com a maneira como a língua é falada."

(...)

Mesmo levando sopapos no dia-a-dia, a torto e a direito, o tratamento que a língua portuguesa vem recebendo da Imprensa não comporta uma análise catastrófica por parte de Samir Curi Meserani, 53 anos, professor de Comunicação Criativa e Teoria da Literatura da PUC de São Paulo, e que há 15 anos presta consultoria a editoras jornalísticas. "Mas o que mais me causa estranheza", diz Meserani, "é o que eu chamo de 'jornalismo de catequese', isto é, aquele que sem saber direito quem é o seu leitor, passa a querer inventá-lo." Este tipo de procedimento, para ele, está muito presente nos segundos cadernos dos jornais e nas publicações que intentam fazer o chamado jornalismo cultural. "São jornais proselitistas, herdeiros legítimos daqueles primeiros pasquins do Império que queriam porque queriam fazer a cabeça do leitor." É nesse ponto que se pega o jornalista Ruy Castro, 42 anos e 23 de profissão, desde 1987 trabalhando fora de redações. Para ele, "os segundos cadernos são escritos em inglês, por jornalistas jovensque só gostam de rock, histórias em quadrinho e filmes de terror. Quando começarem a descobrir a literatura, a melodia e os filmes com começo, meio e fim, a situação tende a melhorar".

Descrição literária

Por mais dramática que toda essa situação possa parecer, é importante notar que não há língua perfeita que não careça de transformações e adequações. Mas este equilíbrio é delicado. "Se não se pode preconizar a rigidez, que gera o imobilismo do texto jornalístico, também não se pode defender a anarquia, que implica em dificuldade de comunicação e de entendimento", diz Francisco Platão Savioli, 46 anos, professor da Escola de Comunicações e Artes da USP e autor de livros didáticos sobre língua portuguesa. "Ao produzir um texto, o jornalista não só informa como também tem de persuadir o leitor daquilo que está escrevendo."

A busca da persuasão nos veículos impressos, através de um texto sedutor e informativo, depende de capacidade crítica, raciocínio lógico e hierarquização das informações por parte do redator. Ainda assim, esse exercício deve levar em conta um conhecimento sólido sobre o assunto do qual se trata. "A televisão, por ser mais ágil, desobrigou os textos jornalísticos de serem escritos de forma anunciativa, isto é, como se a notícia fosse uma novidade", diz Muniz

Sodré, 48 anos, professor titular de Teoria da Linguagem da Universidade Federal do Rio de Janeiro. "Assim, os textos adotaram formas mais expositivas, aproximando-se da descrição literária, só que sem os floreios que já eram horrorosos nos anos 50."

Questão política

Os veículos eletrônicos aparentemente escapam de uma avaliação mais rigorosa em relação ao texto, já que sustentam-se fundamentalmente na oralidade. "Uma oralidade falsa", segundo o filólogo Antônio Houaiss, "já que é previamente escrita em 90% dos casos". Por isso, para Woile Guimarães, 52 anos e 32 de jornalismo, "é preciso, na TV, uma linguagem acessível tanto ao mecânico da esquina como ao professor universitário, evitando-se, ao mesmo tempo, confundir simplicidade com pobreza vocabular". Hoje sócio da produtora TV 1, de São Paulo, Guimarães foi um dos autores do Manual de Redação utilizado pelo jornalismo da TV Globo. "Apesar de os profissionais de rádio não terem o hábito de ler, nossa maior preocupação deve ser a de aumentar o universo vocabular do ouvinte", diz, de sua parte, Maria Elisa Porchat, 42 anos e oito de profissão, autora do Manual de Radiojornalismo da Jovem Pan, de São Paulo.

As alternativas para solução dos graves problemas de texto que povoam a Imprensa são múltiplas e variadas. Muitas delas já começam a ser aplicadas nas redações, cujas chefias subitamente se descobriram vítimas da má formação básica de suas equipes. "Quem não lê não escreve; quem lê pouco tem um universo vocabular limitado", diz Alberto Dines, 58 anos e 40 de jornalismo. "Para nós, Eça de Queiroz e Machado de Assis são apenas curiosidade do *fin-de-siècle*. Fascinados com a modernidade, sepultamos a riqueza de nosso idioma."

É um quadro que precisa ser revertido, em nome da qualidade da Imprensa e da própria sobrevivência da língua. De resto, é uma questão política, que passa pela recuperação das instituições de ensino no Brasil e por um acesso mais democratizado à cultura. Estas são bandeiras que a Imprensa tem o dever de assumir.

(Luiz Egypto. Imprensa, junho 1990, p. 12. Colaboraram: Mair Pena Neto, Regina Prado e Conceição Freitas)

Roteiro de Leitura

1. O que você encontrou de errado no primeiro parágrafo?

2. Você concorda com o diagnóstico da crise? O que você acha da punição proposta por Luis Edgar de Andrade? O anúncio "Vem pra Caixa você também" é simplesmente fruto da ignorância?

3. O que você acha da expressão "oralidade viciosa"? O célebre verso de Drummond - *Tinha uma pedra no meio do caminho* - está errado?

4. Você concorda com a opinião de Izidoro Blikstein?

5. Mino Carta, Ricardo Setti e Carlos Eduardo Lins e Silva estão falando da mesma coisa? Em que diferem?

6. Sejam quais forem os recursos que se utilize na tarefa de aperfeiçoar o texto... Esse trecho obedece às normas da língua padrão?

7. Em que a opinião de Caio Túlio Costa difere das outras?

8. Samir Curi Meserani e Ruy Castro referem-se aos mesmos problemas levantados antes?

9. As opiniões de Francisco Savioli e Muniz Sodré reforçam a ideia de que a língua existe em si? Por quê?

10. A gramática normativa considera que uma palavra *que* atrai o pronome. A expressão "já que sustentam-se", que aparece no texto, pode ser considerada padrão?

11. O que influencia a linguagem da TV e do Rádio, segundo Woile Guimarães e Maria Elisa Porchat?

12. Você concorda com a opinião de Alberto Dines? 13. Para Luiz Egypto, onde está a raiz do problema?

"REPÓRTER NÃO TEM VOCABULÁRIO"

Antônio Houaiss sugere mais leitura aos jornalistas brasileiros

Imprensa - Como o senhor avalia a utilização da língua portuguesa pela Imprensa brasileira?

Houaiss - Eu reconheço que há uma relativa degradação do uso esperável da língua pelos meios de comunicação de massa, tanto orais como escritos. Parece existirem duas maneiras de enfrentar o problema: uma, através de uma pregação que admita que nós estamos no melhor dos mundos quanto ao uso da língua; outra, uma pregação moralista e punitiva, baseada em regras arbitradas como de bom uso de língua. Mas o principal é se fazer a crítica - e a autocrítica - de como se está verificando a transmissão da língua portuguesa entre nós.

Imprensa - Que papel a Imprensa joga nisso?

Houaiss - Um papel relevantíssimo, até porque nosso ensino de base é catastrófico. Em 30 anos o ensino básico foi desmantelado e, antes desse tempo, se ele não era universal, gratuito e nem obrigatório, o pouco que existia era bom. Pelo menos 30% das crianças tinham uma formação dentro do desejável. Essa situação de dois Brasis continua, apenas agravada pelo fato de que a base, que era de 30%, não existe mais. E com o ensino público tão porcaria como é, o ensino privado pode vender a preços exorbitantes uma falsa excelência.

Imprensa - Em que medida a Imprensa pode contribuir para dar combustível à dinâmica da língua?

Houaiss - O jornal hoje em dia é um espelho mais ou menos complexo da realidade linguística. Mas o Brasil é um pais dividido sob esse aspecto, porque, ao contrário do que se alega, nós temos uma população mínima de 70% de analfabetos. Entre os alfabetizados, se se pode reputar literatado aquele indivíduo capaz de ter hábitos de leitura - ler jornal, por exemplo - então, nesse caso, o índice de analfabetismo no Brasil é simplesmente alarmante. No mundo de hoje, é uma falcatrua o ensino básico que tenha menos de oito horas por dia, em 240 dias por ano e durante pelo menos oito anos.

Imprensa - Os produtores de linguagem têm alguma responsabilidade nisso, o senhor não acha?

Houaiss - Mesmo na vigência desse estado de coisas, no Brasil há grandes escritores, poetas e grandes prosadores. Mas a repercussão deles é extremamente pequena porque esses homens só existem para um público leitor, e o público leitor brasileiro não existe. Então, a massa de cultura que pode, por excepcionalidade, gerar grandes monstros de saber e de beleza, ao mesmo tempo não pode manter a irradiação desses efeitos porque não há um público leitor que a sustente. Isto está muito presente, por exemplo, na televisão.

Imprensa - É que a penetração da mídia eletrônica é avassaladora.

Houaiss - Avassaladora, não; é deprimente porque compressora. Na medida em que palavras não são conhecidas do grande público, há uma tendência de redução do número dessas palavras no seu universo vocabular. Reduz-se em lugar de fazer o contrário, que seria empregar o vocábulo e dar o seu sinônimo - o que seria uma ação benéfica e sedutora porque o povo fica encantado em conhecer uma nova palavra.

Imprensa - A cada ano chega às redações de jornais uma legião de jovens jornalistas produzidos por esse ensino, e que vão escrever seus textos cheios de problemas. O que o senhor diria a eles?

Houaiss - A primeira condição para escrever é ter lido muito. E continuar a ler para descobrir as virtudes que se pode tirar dos outros e incorporar a si próprio. A verdade é que a grande maioria dos repórteres com quem se vai dialogar são de uma pobreza vocabular espantosa. Nos cursos de Comunicação eles ouviram muito mais do que leram. Um curso sério é muito mais um direcionamento de leitura do que um débito para com a palavra oral. Mas que espécie de resultado se pode esperar de uma criança que até os 14 anos ficou duas horas na escola, durante 180 dias do ano? Eu conheço crianças na Baixada Fluminense que têm regimes de uma hora por dia na escola. Isto é um suicídio coletivo!

Imprensa - E os estudantes acabam levando a culpa pela própria ignorância...

Houaiss - A ignorância nunca foi eleita um meio de vida por ninguém. Quando não se tem uma formação culturalmente boa, que de certa universalidade, seguramente a culpa não foi sua nem

de seus pais, mas da sociedade. Não há sociedade que se transforme se não assumir a vontade de transmitir - como primeira condição de formação de cidadania - aquele mínimo de saber com o qual o indivíduo possa abrir as portas de quaisquer profissões.

Imprensa - O senhor parece bem pessimista.

Houaiss - Não sou de modo nenhum pessimista com relação à Imprensa brasileira. Nos momentos de crise, nas situações-limite, você sente que ela existe. Naturalmente ela não é estimulada porque todas as atividades profissionais no Brasil não estão sendo estimuladas. Este e um momento de depressão coletiva e o grande problema que se coloca é como sair dela.

(Imprensa, Junho de 1990, p. 22)

Roteiro de leitura

1. O que Houaiss considera mais relevante discutir na questão da língua? Você concorda com ele?

2. Houaiss afirma que o jornal é "um espelho mais ou menos complexo da realidade linguística". Nesse sentido, é justo tomar a linguagem jornalística como uma das referências para o estabelecimento de um padrão?

3. Em outro momento, lamenta também a redução do universo vocabular era decorrência da mídia eletrônica, e até sugere um modo de resolver este problema. O que você acha? Mas antes de responder, leia esta resposta que o próprio Houaiss deu em uma entrevista à revista Veja (30/8/78):

Veja - Um homem comum utiliza quantas palavras?

Houaiss - Depende. Um homem de cultura rural nasce, vive e morre com aproximadamente 3000 palavras. Um homem urbano, dependendo do estrato social em que seja inserido, varia entre 3000 e 5000. Um escritor como Guimarães Rosa, por exemplo, que parece um monstro, não vai além de 8000 palavras, segundo uma pesquisa que acompanhei. Gabriele D'Annunzio, um dos mais verbosos escritores de língua italiana, terá chegado a 30.000 no máximo. Coelho Neto suspeita-se que esteja entre 12.000 e 14.000 - o mesmo que Rui Barbosa. Camões seguramente não vai além de 8.000. Mas esse conceito de número de vocábulos como definição de potência mental e temática é exatamente relativizado. Machado de Assis provavelmente ficaria em 5.000, e entretanto talvez seja o mais matizado dos escritores de língua portuguesa - porque aí o desgraçado, ao empregar a mesma palavra, sempre dava a ela um dengue rigorosamente novo.

4. Que papel deve ocupar a leitura num curso sério, segundo Houaiss? Você concorda?

5. Qual a função do ensino, segundo ele?

“OS DELINQUENTES DA LÍNGUA PORTUGUESA”

Os delinquentes da língua portuguesa fazem do principio histórico *Quem faz a língua é o povo* verdadeiro moto para justificar o desprezo de seu estudo, de sua gramática, de seu vocabulário, esquecidos de que a falta de escola é que ocasiona a transformação, a deterioração, o apodrecimento de uma língua. Cozinheiras, babás, engraxates, trombadinhas, vagabundos, criminosos é que devem figurar, segundo esses derrotistas, como verdadeiros mestres de nossa sintaxe e legítimos conhecedores de nosso vocabulário.

Roteiro de leitura

1. Quem são os "delinquentes" da língua portuguesa?

2. Todas as línguas se transformam ao longo da história. Haverá línguas que "apodrecem"?

3. Observe a enumeração: cozinheiras, babás, engraxates, trombadinhas, vagabundos, criminosos. Que lógica, ou que visão de mundo, transparece nela?

4. Pelo que você leu, o que é variedade linguística para Napoleão Mendes de Almeida? Você concorda com ele?